



O homem que sonha por trás da janela  
Daniel Sá

Sobre muros.  
Sobre a memória como fábrica  
Aúna Nunes

Ilusionismo  
Tomás Cruz

Corpos irreconhecíveis, colecção  
e um espectador perdido  
Ana Luís Castro

Sementes  
Johannes Wohlfarth | Ralf Erdei

A Raspadinha  
Rita Sampaio

Coleccionar é possibilitar um eu que fica  
Daniela Guerra

Fragmentos  
Raquel Lagoa

Ensino e Práticas da Arquitectura:  
passado e presente  
Graça Correia

Colezionare  
Cesare Cantoni

Coleccionismo  
Pedro Stattmiller

O Velho  
O Horizonte  
Castelo na Areia  
Normando Santos

Colecção

Gil Machado (Belém Lima)  
Luís Gama (Belém Lima)  
RCR Arquitetos  
Alberto Campo Baeza  
Christian Kerez  
Emilio Tuñón  
Isay Weinfeld  
Gerardo Caballero  
João Paulo Loureiro  
Thomas Kroeger  
Francisco Vieira de Campos  
Daniel Sudling (BIG)  
Kengo Kuma  
Oliver Lütjens  
Thomas Padmanabhan  
Márcio Kogan  
Terra e Tuma  
Mesura Arquitetos  
Sauter Von Moos

Entrevista  
Jorge Figueira

COLECCIONAR

Gostava de fazer algumas considerações sobre o que me parece estar a acontecer com o ensino actual da arquitectura mas antes, para vos contextualizar com a minha experiência (que vocês devem querer conhecer, já que me convidaram) resolvi escrever uma espécie de diário de bordo que conta a minha história. Como preâmbulo faço minhas as belíssimas palavras de David Byrne - o fundador da banda Talking Heads, de quem gosto muito:

Viver dentro de uma história, fazer parte de uma narrativa, dá muito mais satisfação do que viver sem uma. Nem sempre sei de que narrativa se trata, já que estou a viver a minha vida e não a reflectir sempre sobre ela, mas agora que estou a rever estas páginas, tenho consciência do meu desejo de olhar para as minhas deambulações por vezes aleatórias como tendo um enredo, um objectivo orientado por alguma história subjacente. Imagino que se pudesse recuar e olhar para a minha vida, veria que esta sequência de encontros e acontecimentos não foi simplesmente aleatória, que tinha de acontecer da maneira como aconteceu.<sup>1</sup>

<sup>1</sup>  
BYRNE, David,  
*Diário da*  
*Bicicleta*, Quetzal  
Editora, 2010

## FAUP, 2013-02-28

### 1975

Tenho 10 anos e QUERO SER ARQUITECTA. Não conheço nenhum arquitecto e os meus pais também não, mas acabei de sair da Escola do Távora, onde fiz a primária. Os meus avós moram numa casa que o vizinho diz que é desenhada pelo Cassiano Barbosa (ele é o presidente da Câmara, deve saber); eu e os meus pais vivemos num apartamento feito pelo Alcino Soutinho e vou sempre para a Granja no Verão, onde a piscina é desenhada pelo João Andresen. Quero ser como eles, mas só muito mais tarde vou perceber como eram bons.

### 1980

Gosto imenso da Esther Sobral, a professora de História da Arte que é arquitecta e me mostrou a Casa da Cascata do Frank Lloyd Wright e a Praça dos Três Poderes do Niemeyer, vou mesmo para arquitectura!

### 1983/84

Ainda bem que no Verão conheci um estudante das Belas Artes que me falou do Siza Vieira, porque entrei para o curso de arquitectura no Porto e o Távora, na 1ª aula, está a pedir-nos para escrevermos num papelinho os nomes dos três arquitectos que conhecemos e eu já posso juntar este aos dois últimos. Não há livraria na escola, nem livrarias especializadas em arquitectura, não há revistas nem livros em português a falar dos arquitectos portugueses e eu, juntamente com um grupo de novos amigos, decidimos fazer uma espécie de Inquérito à Arquitectura portuense. Pedimos a todos os professores para publicarmos um projecto em que eles estivessem a trabalhar e fizemos a 1ª edição das Páginas Brancas (“vá pelos seus dedos”, como escreveu na altura o Souto Moura). Também fizemos um jornal de parede à entrada do pavilhão de escultura, onde tínhamos aulas e colocámos fotos das obras dos *profs*, notícias sobre cinema, teatro, música e reclamávamos de tudo. O ano correu mesmo bem e como ninguém, para além do Távora, quer saber do Niemeyer, vou dois meses sozinha para o Brasil ver a cidade de Brasília, os museus do Eduardo Afonso Reidy e da Lina Bo Bardi, a escola do Artigas e umas torres que o Mendes da Rocha fez na avenida Paulista. Não estou a contar isto para me armar, mas porque no futuro vai ser importante, já vos conto.

### 1984/85

Estou a subir a escadaria das Belas Artes que leva ao auditório, estamos todos apertados, há imensa gente que quer ir ver esta conferência e oiço uma senhora à minha frente, que ainda não conheço, a dizer ao amigo: andam todos a embandeirar em arco com este tipo, mas eu acho que isto não vai dar em nada - era o Eduardo Souto Moura, magrinho e de bigode, que ia mostrar o Mercado de Braga e pouco mais... Para além das aulas fantásticas do Domingues Tavares não se passou muito - o meu *prof* é o Manuel Teles e não gosto dele. Arranjei um namorado e fui um mês para Itália ver o Brunelleschi, o Bernini, o Borromini... Já conhecia o Rossi, mas ainda fiquei sem conhecer o Grassi e só a saber que estes tipos do norte da Itália, que têm todos nomes a acabar em *i*, são mesmo bons.

**1986/87**

Ok. Nem posso acreditar. Calhou-me o Souto Moura a projecto e acho que ele me achou graça – a sério que foste mesmo sozinha ver Brasília? – eu adoro Brasília e o Niemeyer, perguntou incrédulo. E mais tarde: Olha os teus alçados são muito grassianos... e eu burra (ou inculta apesar das viagens), pensei que ele estava a gozar comigo Grassi/Graça. Mas não, afinal aquele livro que eu tinha estudado na biblioteca que ainda era na casa cor de rosa, do Giorgio Grassi valeu mesmo a pena, ele gostou dos alçados!

Passado um tempo estou nas cavalições, mais propriamente na sala do Cubo e passa o Francisco Barata que me chama – ouvi dizer que passas bem a tinta – estávamos literalmente no século passado e não havia computadores, fazia-se tudo à mão e felizmente era preciso ajuda. E fui para o escritório dele desenhar uma remodelação de interiores e de repente a Escola era ali. Sem saber estava a aprender imenso. Como nesse ano tivemos as inesquecíveis aulas de História da Arquitectura Portuguesa que dava o Alexandre (Alves Costa), as férias foram em Portugal, claro. Já no fim, estava longe, em Alfeizerão com amigos e recebo um telefonema do José Manuel Soares que precisava de ajuda para acabar um projecto que estava a fazer.

E aí conheci o Paulo Providência e o Atelier da 15 de Novembro, onde o Zé Manel me disse que trabalhavam também o Alexandre Alves Costa e o Sérgio Fernandez – afinal a Escola também era ali. Infelizmente o trabalho acabou e vim embora. E a partir daí foi sempre assim, 1988 e aprendi com o Henrique Carvalho a desenhar uma praça em Viana do Castelo, com o Manuel Mendes e o Manuel Botelho a reinterpretar o convento de La Tourette no concurso que eles fizeram para um convento de dominicanos em Lisboa, e mais tarde, já que o concurso era em duas fases, fui ajudar a equipa que venceu, a do Paulo Providência e do Zé Fernando Gonçalves, que estavam a fazer a 2ª fase. Eu conhecia bem o programa do concurso e estava disponível... e com colegas que quase nem eram arquitectos, mas viriam a ser mesmo bons, também aprendi como na Escola.

Depois voltei a aprender outra vez com o Carlos Prata quando ajudei no concurso da faculdade de engenharia. Era assim, esta Escola que ora se passava nas salas de aula, ora nos escritórios dos professores. Claro que não tive muito tempo livre, nem sequer para dar graxa aos *profs*, mas ainda voltámos a fazer um livro – o dos desenhos de viagem do Siza.

E vocês podem dizer: Ah, na altura havia muito trabalho! Mas não, não havia muito, isso foi mais tarde, nos anos 90. Eram pequenos trabalhos, concursos e não se parava muito tempo num escritório, mas aprendia-se como funcionavam os diferentes escritórios e aprendia-se com a paixão com que cada professor, na realidade, estava a fazer arquitectura e não preocupado em ser um académico... Isto tudo não aconteceu por opção minha – tipo: agora vou trabalhar com este e agora vou trabalhar com aquele, não. Foi a escola que promoveu isso, eram os professores que abriam os seus ateliers à escola e que partilhavam o seu saber com os alunos, e as conferências que se faziam na escola não eram sobre as Práticas proferidas por Teóricos, como aconteceu há pouco tempo aqui na FAUP. Eram conferências em que vinham arquitectos como o Stirling, o Moneo, o Zumthor ou o Herzog falar das suas obras de arquitectura como só eles sabiam falar. Porque é diferente falar daquilo que se sabe fazer, ou daquilo que os outros sabem fazer.

### **1988/89**

Agora sim, tomei uma decisão. Estou há quase um ano de novo a trabalhar com o Xico Barata e com o Manuel Sá, onde tive mais uma oportunidade de aprender com diferentes programas - uma biblioteca e a cooperativa de habitação de Massarelos. Até que pensei que estava a brincar com o fogo – tinha a prova final da faculdade para fazer e ainda não tinha lido nem escrito nada. Despedi-me.

Só que o caminho eu já o tinha traçado sem saber e passados três ou quatro meses o Souto Moura estava a precisar de alguém e deve ter-se lembrado daquela aluna chanfrada que tinha ido sozinha a Brasília e fiquei pelo seu escritório até 95, quando finalmente decidi, saciada com tantos projectos de execução, tanta obra, tanta noitada, tantos fins de semana de escritório, que agora ia mesmo reflectir e ia de novo para a escola. Mas! Ia para a escola para aprender a pensar, a escrever e a ensinar sobre como se faz arquitectura. E felizmente nunca deixei de fazer Arquitectura

### **2010**

Estou arrepiada. Estou no Pavilhão Carlos Ramos e estou a dar aulas na FAUP! – sou professora convidada. E os alunos batem palmas, nunca imaginei que seria assim. Dou aulas há quase vinte anos e tal nunca aconteceu – que experiência tão feliz. O Pavilhão está igual, até foi pintado recentemente, por isso parece que nada mudou. Mas o tempo passa e vejo que mudou. Muita coisa mudou.

### **2013**

Resumindo hoje convosco: o que eu quero dizer é que algo da Escola se perdeu pelo caminho. Perdeu-se esta relação entre o professor e a arquitectura que contaminava o aluno. Perdeu-se a coordenação horizontal entre as disciplinas que nos levavam a saber que tudo informava o projecto e que o projecto era tudo, mas não era autosuficiente, precisava do desenho, da história e da teoria como do pão para a boca e que os professores, quer fossem de história, de construções ou de teoria, sabiam tudo sobre os alunos, porque falavam sobre eles. E falavam uns com os outros. Outra coisa que eu vejo pouco agora, está tudo fechado no seu gabinete. Agora há gabinetes para os professores e eles usam-nos mesmo! Não havia muito trabalho naquela época, mas também os alunos na escola eram poucos. Por isso era mais fácil. Se calhar, já que há escolas a mais, devia haver menos alunos por escola para que isto fosse de novo possível. Mas não pode haver professores “zangados” com a Arquitectura. E, acima de tudo, não podemos esquecer que a Escola nos preparava para fazer arquitectura no escritório e não para escrever *papers*, como chamou a atenção o Alexandre Alves Costa no Jornal Público há menos de uma semana.

Obrigada.

## POST SCRIPTUM: FAUP, 2018-01-15

Trago este texto no bolso há alguns anos. Nada me retirará da memória a vigorosa ovação de um Auditório Fernando Távora repleto de estudantes, pelas cadeiras e pelo chão, quando li este texto (também ali numa Mesa Redonda a convite da AEFAUP – fico feliz que os estudantes gostem de me ouvir), que considero hoje tão pertinente quanto então.

Neste momento possivelmente mais ainda, uma vez que a Escola está prestes a assistir a uma mudança de Direcção a que a legislação obriga e há que reflectir, mais do que nunca, sobre qual a direcção em que queremos que vá esta Escola. Nos últimos anos, nesta chamada “Escola do Porto” tentou debater-se, com muita dificuldade, o Plano de Estudos sob o repto do seu actual director, (ainda) pertencente à geração de Eduardo Souto Moura, no âmbito do seu último mandato, prévio à sua reforma. Assim, na saída desta geração, impõe-se falar de tradição e, uma vez que quando se fala da Escola do Porto se menciona como seu gérmem Fernando Távora, impõe-se, ainda, recuar um pouco mais.

Na Escola de Belas Artes de Lisboa nos anos 30, o ensino era de tal modo académico que Carlos Ramos (Porto 1987-1969, director da ESBAP de 1952-1967), após inúmeras tentativas de aproximá-lo à prática do projecto - para o que alerta numa memorável conferência em 1933, em Lisboa - e defendendo essa abordagem desiste da ESBAL. Após a morte de Marques da Silva (Porto 1869-1947), então director da Escola de Belas Artes do Porto - e já ele um homem da prática e autor das mais representativas obras de arquitectura da cidade do Porto à época - candidata-se ao seu lugar e vem, longe do Regime, dar início ao que mais tarde se veio a chamar, já na geração de Siza Vieira, de Escola do Porto.

Na realidade, para formar esta Escola com que sonhava, Carlos Ramos convidou naquela época todos os arquitectos que tinham os escritórios com a prática mais activa no Porto, como Viana de Lima, Octávio Lixa Filgueiras, João Andresen, Mário Bonito, Agostinho Ricca, Loureiro... e entre estes, Fernando Távora. Alguns, como Arménio Losa, não vieram, porque a PIDE terá recusado o seu contrato. Mais tarde juntaram-se a estes os seus colaboradores, Siza Vieira, Pedro Ramalho, Alexandre Alves Costa, Sérgio Fernandez, etc. E foi mais uma vez a continuidade da prática introduzida pela experiência no SAAL já nos anos 70, que levou os estudantes de então - Carlos Guimarães, Carlos Prata, José Gigante, Souto Moura, para nomear apenas alguns - a colaborar nos escritórios destes professores, consolidando uma abordagem que, infelizmente, hoje começa a escapar à Escola. É indiscutível que a Direcção desta Escola de Arquitectura deverá ter presente a memória destes tempos, não vá rápida e silenciosamente, sem ninguém se aperceber, afastar-se da sua tradição de ensino. O ensino do Projecto, e mais ainda a sua aprendizagem, estão em causa se não houver uma reflexão de fundo em relação ao que se está a passar nas escolas de arquitectura que se afastam da ideia de que o projecto pertence a uma forma de conhecimento que surge da acção e se desenrola no próprio fazer.

Comecei este texto citando David Byrne e termino citando Laurie Andersen, ambos autores frequentemente presentes no meu “bolso” que, numa canção extraordinária (mais ainda na sua versão ao vivo), - The Beginning of Memory aka The Story of the Lark (A história da Cotovia), nos fala da importância da Memória.

### **The Beginning of Memory**

Here's a story from an ancient play about birds called The Birds  
And it's a short story from before the world began  
From a time when there was no earth, no land.  
Only air and birds everywhere.  
But the thing was there was no place to land.  
Because there was no land.  
So they just circled around and around.  
Because this was before the world began.  
And the sound was deafening.  
Songbirds were everywhere.  
Billions and billions and billions of birds.  
And one of these birds was a lark and one day her father died.  
And this was a really big problem  
because what should they do with the body?  
There was no place to put the body because there was no earth.  
And finally the lark had a solution.  
She decided to bury her father in the back of her own head.  
And this was the beginning of memory.  
Because before this no one could remember a thing.  
They were just constantly flying in circles.  
Constantly flying in huge circles.<sup>2</sup>